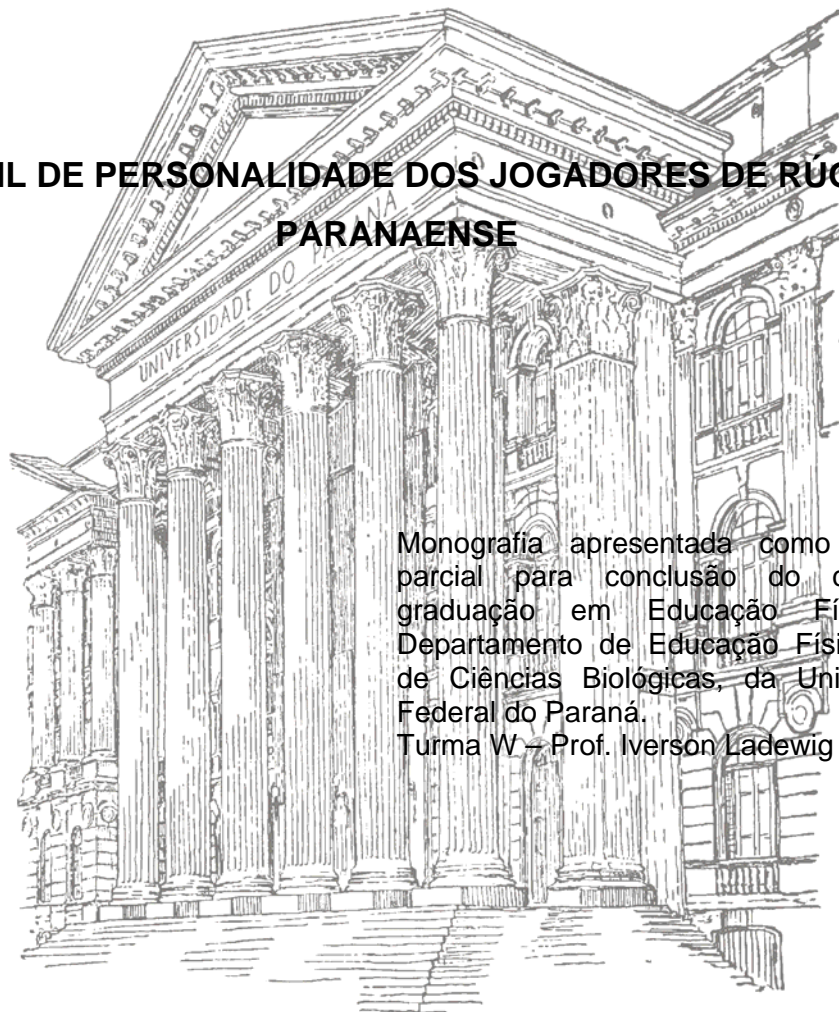


**AURÉLIO SPEGEL**

**PERFIL DE PERSONALIDADE DOS JOGADORES DE RUGBI  
PARANAENSE**



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.  
Turma W – Prof. Iverson Ladewig

**CURITIBA**

**2005**

**AURÉLIO SPEGEL**

**PERFIL DE PERSONALIDADE DOS JOGADORES DE  
RÚGBI PARANAENSE**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Mst. Birgit Keller

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>iii</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>iv</b>
<b>1.0 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	1
1.3 OBJETIVOS.....	2
<b>2.0 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>3</b>
DEFINIÇÕES.....	3
TEORIAS.....	5
PERSONALIDADE E ESPORTE.....	10
<b>3.0 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>4.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>16</b>
<b>5.0 CONCLUSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>22</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Média e desvio padrão dos dados analisados.....	16
<b>Tabela 2:</b> Regressão linear entre personalidade e atletas titulares e reservas.....	17
<b>Tabela 3:</b> Regressão linear entre personalidade e posição de jogo.....	18
<b>Tabela 4:</b> Regressão linear entre personalidade e tempo de prática.....	19

## RESUMO

Este estudo se caracteriza em um “*Ex-post-facto*” de característica comparativa casual (THOMAS e NELSON, 2002). E teve como objetivo identificar o perfil de personalidade dos jogadores de rúgbi paranaenses, e se existem diferenças significativas entre jogadores experientes e não experientes, por posições, separadas em forwards e três quartos, e entre titulares e reservas. O perfil encontrado foi de atletas com um nível de desejo baixo, são bem determinados, com uma sensibilidade baixa, um bom controle, uma confiança muito grande, uma auto-estima mediana e são bem auto-disciplinados. Com uma diferença significativa de  $p= 0,03$  entre posições onde os três quartos apresentaram uma maior auto-disciplina que os forwards.

Palavras-chave: Rugby, forwards, três quartos, personalidade.

## **1.0 INTRODUÇÃO**

### **1.1 Apresentação do problema**

Diferentes estudos envolvendo a psicologia do esporte têm sido de grande valor para a educação física, os diversos autores desta área, e suas pesquisas, proporcionam condições para o desenvolvimento de cada esporte ou área pesquisada.

A identificação de um ou vários perfis de personalidades dentro de um time, ou de uma modalidade esportiva, é de muita importância dentro do esporte, pois, o conhecimento de um perfil de personalidade específica, para o esporte ou para o atleta, dará condições para que o técnico faça um trabalho de treinamento de acordo com o perfil de personalidade de cada atleta.

Com tudo isso, este estudo se propõem a identificar os diferentes perfis de personalidade existentes nos jogadores de rúgbi brasileiros. E se existe um traço de personalidade padrão para cada posição ou função no campo.

### **1.2. Justificativa**

Na educação física atual é necessário conhecer o comportamento de qualquer atleta, e isto não se faz conhecendo apenas suas características fisiológicas ou biomecânicas, mas também é necessário conhecer os elementos psicológicos envolvidos em cada atleta.

O rúgbi é um esporte onde existem vários perfis físicos diferentes, e estes são extremamente necessários para a eficácia do jogo. A partir disso pode-se dizer que pessoas muito diferentes participam de um mesmo esporte, em um mesmo time, assim um estudo sobre o perfil de personalidade dos atletas de rúgbi brasileiros é justificado, proporcionando uma fundamentação teórica sobre os perfis psicológicos para profissionais atuantes nesta área.

### **1.3 Objetivos**

#### 1.3.1. Objetivo Geral

Identificar o perfil de personalidade dos atletas de rúgbi no Brasil.

#### 1.3.2. Objetivos Específicos

Verificar os traços de personalidade dos atletas de rúgbi por posições dos jogadores.

Identificar possíveis diferenças no perfil de personalidade entre titulares e reservas.

Analisar possíveis diferenças entre os atletas mais experientes X menos experientes.

## 2.0 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Provavelmente, como coloca Kleine (1986) citado por Walter (1992), não existe nenhum tema na Psicologia do Esporte, ao qual foi dedicado tanto interesse, quanto à pergunta referente ao relacionamento entre o esporte e a personalidade.

Weinberg (2001), diz que até 1992 mais de mil artigos haviam sido publicados sobre aspectos da personalidade esportiva, a maioria deles escritos nas décadas de 1960 e 1970, essa volumosa pesquisa demonstra o quanto os pesquisadores consideram importante o papel da personalidade em situações esportivas e de exercício.

Segundo Walter (1992), durante as últimas décadas, os indivíduos interessados na educação Física tem dirigido sua atenção às dinâmicas da participação da personalidade na atividade física. Considerando esta relação, é possível que o padrão da conduta móvel do homem esteja relacionado diretamente com a estrutura de sua personalidade.

Para Lundin (1976), o significado da palavra personalidade muitas vezes vagamente associada à idéia de atração social, dizer que alguém tem personalidade é geralmente considerado como um elogio, isso é considerado por ele como uma “definição leiga”. Por isso, buscaremos algumas definições da palavra personalidade.

Allport (1976), estudando a etimologia da palavra “persona”, que originalmente denominava a máscara teatral utilizada no drama grego e posteriormente usada pelos romanos, trouxe o significado de “aparência externa” ou, não o verdadeiro eu.

Alem disso, como coloca Jung citado por Hall (2000 p.91), é o papel atribuído a alguém pela sociedade, o papel que a sociedade espera que a pessoa desempenhe na vida. Ele também diz que o propósito da máscara é causar uma impressão definida nos outros e muitas vezes oculta a verdadeira natureza da pessoa.

Lundin (1976), descreve várias definições para personalidade: Leibniz (1906), diz que a personalidade refere-se a uma substância dotada de compreensão. Locke (1694), dá ênfase à idéia de um ser pensante, inteligente, que tem razão e reflexo e pode considerar o eu como eu-mesmo. Watson (1930) considerava a personalidade



como sendo a soma total do comportamento de uma pessoa. Cameron (1947) propõem que é a organização dinâmica de sistemas de comportamento interligados, que cada um de nós possui, à medida que evolui de recém-nascido biológico para o adulto biossocial em um ambiente de outros indivíduos e produtos culturais. Freud (1940) tem sua concepção de personalidade estruturada em id, ego e superego.

Já Fisher (1976) citado por Walter (1992), traz outras definições: É uma continuidade fluente de acontecimentos entre organismo e meio ambiente Murphy (1947); pode ser definida como aquilo que se diz o que o ser humano vai fazer, quando chega numa determinada situação Cattell (1955); é o padrão singular de traços de uma pessoa (GUILFORD,1959).

Algumas definições são dadas também por Peck e Whitlow (1976): Aquelas propriedades estruturais e dinâmicas de um indivíduo que se refletem nas respostas características a situações Pervin (1970); aqueles aspectos relativamente estáveis e duradouros do indivíduo que os distinguem de outras pessoas e, ao mesmo tempo, constituem a base de nossas predições quanto ao seu futuro comportamento Wright et all (1970); uma organização dinâmica, dentro do indivíduo, daqueles sistemas psicológicos que determinam seu comportamento e os seus pensamentos característicos Allport (1961).

Peck e Whitlow (1976) ainda falam em três pressupostos básicos de personalidade, o primeiro é que se relaciona com o que as pessoas fazem e experimentam, um segundo diz que a personalidade é uma entidade, ela realmente existe e não se trata apenas de um modo conveniente de sintetizar numa palavra o comportamento de uma pessoa, por fim, o terceiro fala que a personalidade é fixa e duradoura, pelo que o “núcleo” permanece relativamente imutável, ao passo que apenas as suas características mais superficiais são modificáveis.

Segundo Walter (1992), estas definições deixam claro que a personalidade pode ser contemplada sobre um ponto de vista ideográfico, cada pessoa é singular, de um ponto de vista, todos somos iguais de certa forma, de um ponto de vista biológico, genético ou de um que acentua a relevância do meio social, ou também sobre cada ponto de vista entre estes extremos. Além disso, pode-se considerar a personalidade como estática ou dinâmica, como firme ou transformável e para cada uma destas formas de conceitualizar a personalidade existem as teorias.

Segundo Peck e Whitlow (1976), as funções das teorias consiste em organizar o conhecimento acumulado em determinada área sob uma forma que o torne utilizável a outras pessoas. As teorias são formas de concatenação de fatos, permitindo a formulação de hipóteses e a aplicação do conhecimento organizado a novas circunstâncias e problemas.

Ainda Peck e Whitlow (1976), dizem que uma teoria pode ser substituída por outra que explique melhor os fatos observados, entretanto, abandonar uma não é negar a validade das observações em que a teoria se baseou.

Segundo Hall (2000 p. 35) a teoria é suposta, e sua aceitação ou rejeição é determinada por sua utilidade. Esta tem dois componentes a verificabilidade e a abrangência. A verificabilidade se refere à capacidade da teoria de gerar previsões que são confirmadas quando coletamos dados empíricos relevantes. A abrangência se refere ao alcance ou completude dessas derivações. Idealmente uma teoria deve levar as previsões acuradas que tratem de forma geral ou inclusiva os eventos empíricos que ela pretende abranger.

Segundo Lundin (1976), a teoria psicanalítica, desenvolvida por Freud, é dividida em três partes principais o id, o ego e o superego. A função do id é promover a descarga de energia, obedecendo ao princípio do prazer. Se o prazer não for alcançado ocorrerá tensão que é sentida como dor ou desconforto, o id é a fonte de todas as energias que colocam em ação a personalidade. O id ou consegue descarregar essas energias, ou é frustrado pelo ego, e é inteiramente inconsciente não tendo contato com a realidade. O ego é considerado o executivo da personalidade, sendo parte consciente e parte inconsciente. Na infância é pequeno e frágil, mas se desenvolve até ser o sistema controlador da personalidade madura. O ego é prático; é o princípio de realidade, através de seus esforços o ego descarrega a energia do id de maneira adequada e de acordo com as demandas da sociedade, descobrindo um plano de ação, que reduzira a tensão do id, livrando a personalidade de dificuldades. O superego é a parte moral da personalidade, desenvolvendo-se através da assimilação que a criança faz dos padrões paternos, é formado por dois sistemas, a consciência e o ego ideal. O ego ideal representa os conceitos do que é certo e recompensa o ego quando este é bom. A consciência corresponde à concepção do que é errado, e pune o ego quando este se comporta mal.

Hall (2000 p. 55) diz que estes, acima citados, são apenas nomes para vários processos psicológicos que obedecem a diferentes princípios de sistemas. E que em circunstâncias comuns, esses diferentes princípios não colidem um com o outro e nem têm propósitos opostos. Pelo contrario, eles trabalham juntos, como uma equipe, sob a liderança administrativa do ego. A personalidade normalmente funciona como um todo, e não como três segmentos separados. Por isso, os instintos são considerados os fatores propulsores da personalidade, além de impulsionar eles também determinam a direção que o comportamento tomará. E ainda fala que a personalidade se desenvolve em resposta a quatro fontes importantes de tensão onde o primeiro é os processos de crescimento fisiológico, segundo as frustrações, terceiro os conflitos e quarto as ameaças. Como uma consequência direta de aumento de tensão emanando dessas fontes, a pessoa é forçada a aprender novos métodos de reduzi-la. Tal aprendizagem é o que seria o desenvolvimento da personalidade.

Weinberg (2001), fala de outra teoria, a teoria do tipo de traço que pressupõe que as unidades fundamentais da personalidade, os traços, são relativamente estáveis, eles são permanentes e consistentes em uma variedade de situações. Os mais destacados autores desta abordagem são Gordon Allport, Raymond Cattell e Hans Eysenck.

Allport (1936) citado por Lundin (1976), considera os traços como o aspecto mais fundamental da estrutura da personalidade, definindo traço como predisposição duradoura da pessoa para agir de um modo particular, quando são apresentadas certas classes de estímulos. Algumas vezes há um traço dominante ou principal que emerge para governar todos os outros, em tal caso, o traço controla a personalidade e torna os outros traços menos importantes, coerentes e subservientes a ele.

Para Hall (2000 p.237) Allport considerava o recém nascido uma criatura construída por hereditariedade, de pulsão primitiva e existência reflexa. Ele ainda não desenvolveu atributos distintivos que aparecem mais tarde como resultado de transações como o ambiente. Para descrever a mudanças que ocorrem entre o bebê e a idade adulta é que, temos um organismo que no nascimento e uma criatura da biologia, transformada em um individuo que opera em termos de um ego crescente, uma estrutura de traços cada vez mais ampla e um cerne de futuras metas e aspirações. Já no adulto seus motivos não são ecos do passado e sim acenos do

futuro. Na maioria dos casos, saberemos mais sobre aquilo que uma pessoa vai fazer se conhecermos seus planos conscientes de que suas memórias reprimidas. E afirma que algum tipo de contínuo crescimento e desenvolvimento até o estágio da maturidade é o que dá forma à busca dos seres humanos.

Peck e Whitlow (1976), dizem que Cattell partiu do princípio de que existem elementos naturais de personalidade que podem ser descobertos pela técnica de análise multivariada. Cattell desenvolveu um inventário com dezesseis fatores de personalidade independentes (16 FP), considerando que esses fatores representam os traços básicos os quais são as partes mais importantes de sua teoria. Eles são as bases da regularidade duradoura observada no comportamento humano.

Hall (2000 p 259) diz que; o ponto central de vista de Cattell é a distinção entre traços de superfície, que representam agrupamentos de variáveis manifestas que parecem ocorrer juntas, e traços de origem, que representam variáveis subjacentes que entram na determinação de múltiplas manifestações de superfície. Os traços de superfície são produzidos pela interação dos traços de origem e geralmente podemos esperar que sejam menos estáveis que os fatores, e que os traços de superfície tendem a parecer mais válidos e significativos para o observador comum do que os traços de origem, entretanto no final das contas são os traços de origem que se mostram mais úteis para explicar o comportamento.

Weinberg (2001), fala que Eysenck considerava os traços relativos, com dois traços mais significativos variando em um contínuo de introversão a extroversão e em um contínuo de estabilidade à emotividade. Ele afirma que a personalidade poder ser mais bem entendida considerando-se os traços que são relativamente permanentes e estáveis com o passar do tempo.

Eysenck (1975) citado por Hall (2000 p. 299) diz que o extrovertido típico é sociável, tem muitos amigos precisa ter pessoas com as quais conversa, ele precisa de excitação, assume riscos geralmente confia nas pessoas, age no impulso do momento e, de modo geral, é um indivíduo impulsivo. Ele gosta de piadas, sempre tem resposta pronta, geralmente gosta de mudanças, ele é descuidado, despreocupado, otimista, prefere ficar em movimento e fazer tarefas, tende a ser agressivo e perder a calma facilmente. O introvertido típico é uma pessoa quieta, retraída introspectiva que gosta mais de livros do que de pessoas, ele é reservado e distante, exceto com amigos íntimos, ele tende a planejar antecipadamente, e

desconfia do impulso do momento. Ele não gosta de excitação, lida com os problemas do cotidiano com seriedade adequada e gosta de um modo de vida bem organizado. Guarda seus sentimentos sob grande controle, raramente se comporta de maneira agressiva, não perder a calma facilmente, ele é confiável e valoriza muitos os padrões éticos.

Para Singer (1975) citado por Walter (1992), um a pessoa é o que é devido à combinação e interação de muitos traços, cujo número ainda não foi determinado. Além disso, uma análise subjetiva da personalidade de outra pessoa é usualmente distorcida pela percepção do analisador. Embora seja possível descrever certas características, a extensão em que estas estão presentes numa pessoa é julgada com base na presença destas em outro ser, em que o grupo particular ou em uma norma da sociedade.

O behaviorismo descrito por Peck e Whitlow (1976), sustentam que a principal fonte de comportamento reside no meio ambiente e não no interior da pessoa, fatores tais como as influências genéticas ou as disposições íntimas da pessoa não são negligenciadas, mas se consideram de importância secundária. Uma pessoa se desenvolve e se comporta de acordo com o que lhe acontece na vida ou com o que aprende. A conduta é potencialmente explicável em termos de efeitos ambientais e as mudanças no meio-ambiente podem acarretar mudanças na conduta. É evidente que as mesmas situações podem suscitar comportamentos muito diferentes em pessoas diferentes, e situações aparentemente distintas são capazes de evocar condutas semelhantes numa pessoa. Assim, não são as situações como tal que provocam o comportamento, mas a maneira pela qual as pessoas as interpretam. As situações têm um significado diferente para cada pessoa e exercerão uma influencia variável, dependendo de suas experiências anteriores de aprendizagem nessas situações.

Geiwitz (1973 p.111) fala que Bandura acredita que os princípios de aprendizagem são suficientes para explicar e prever o comportamento e a mudança comportamental. Ele lembra de que o ser humano é capaz de pensamento e de auto-regulação, que lhe permitem controlar o seu ambiente tanto quanto ser moldado por ele. Além disso, muitos aspectos do funcionamento da personalidade envolvem interação do indivíduo com os outros, de modo que uma teoria adequada da personalidade precisa levar em conta o contexto social em que o comportamento

é originalmente adquirido e continua sendo mantido. E ele descreve: “A teoria da aprendizagem social explica o comportamento humano em termos de uma interação recíproca contínua entre determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais. No processo do determinismo recíproco, está a oportunidade de as pessoas influenciarem seu destino e os limites da auto-direção. Essa concepção do funcionamento humano, então, não lança as pessoas ao papel de objetos impotentes controlados por forças ambientais, nem ao papel de agentes livres que podem se tornar o que quiserem. A pessoa e o seu ambiente são determinantes recíprocos um do outro” (Geiwitz 1973 p.112 citando Bandura 1977).

Hall (2000 p.464) destaca os princípios da aprendizagem observacional de Bandura, que propõe que uma maneira fundamental de os humanos adquirirem habilidades e comportamentos é observar o comportamento dos outros. A aprendizagem observacional é governada por quatro processos constituintes a atenção, retenção, produção e motivação. As pessoas não vão aprender nada a menos que prestem atenção a aspectos significativos do comportamento a ser modelado e que o percebam açodadamente. Além disso, o que uma pessoa nota é influenciada por sua base de conhecimento e orientação atual. A retenção do comportamento observado depende principalmente das imagens mentais e das representações verbais, a memória pode ser aumentada pela organização do material e pelo ensaio. A produção não será feita se a pessoa não for capaz de reproduzir o comportamento que foi observado, e independentemente de quão bem observado e lembrado, não pode ser encenado sem as necessárias habilidades. A motivação para que um comportamento seja encenado será se levar diretamente ao resultado desejado, se observamos que foi efetivo para o modelo ou se for auto-satisfatório.

Ainda Hall (2000 p.469) fala em auto-sistema, que é dividida em três partes; a auto-observação que a observação contínua do nosso próprio comportamento, notando fatores como qualidade, quantidade e originalidade daquilo que fazemos, quanto mais complexo o comportamento que estamos observando mais provável que a auto-observação inclua certa inexatidão. O processo de julgamento o comportamento gera uma auto-reação por meio de julgamentos sobre a correspondência entre aquele comportamento e nossos padrões pessoais. Podemos definir a adequação por referencia a comportamentos passados e conhecimento de

normas ou por processos de comparação social. A auto-reação produzida por meio da operação dos dois primeiros componentes criam o cenário para o indivíduo fazer uma avaliação do comportamento. As avaliações favoráveis geram auto-reações recompensadoras e os julgamentos desfavoráveis ativam auto-respostas punitivas.

Já Weinberg (2001), fala em uma interação entre traços e comportamentalismo, dando uma abordagem interacional. A abordagem interacional considera a situação e a pessoa como co-determinantes de comportamento, ou seja, variáveis que juntas determinam comportamentos. Conhecer os traços psicológicos e a situação particular de um indivíduo é útil para entender o comportamento, não apenas os traços pessoais e os fatores situacionais determinam independentemente o comportamento, mas às vezes eles interagem ou se misturam de formas singulares para influenciar o comportamento.

Bowers (1973) citado por Peck e Whitlow (1976), dá também um enfoque interacionista onde interação pode explicar o dobro da variância atribuível isoladamente às pessoas ou às situações. A proporção real de influência total devida a essas variáveis pode ser consideravelmente mais elevada. E também sublinha que a proporção de variância devida às variáveis da pessoa, de situação ou da interação dependerá do comportamento que esteja sendo examinado, e que as influências relativas são apenas influências médias. E finaliza dizendo que “qualquer teoria terá de levar simultaneamente em conta ambas as influências se quisermos que forneça previsões úteis sobre a conduta individual. (Bowers 1973 citado por Peck e Whitlow 1976, p. 123)”.

Já na área da psicologia do esporte os estudos com a personalidade de atletas trouxeram poucas conclusões úteis segundo Weinberg (2001 p. 61), ele também diz que estes escassos resultados se originam de problemas metodológicos, estatísticos e interpretativos. Morgan (1980) citado por ele descreveu dois grupos os crédulos que acreditavam que a personalidade está intimamente ligada ao sucesso esportivo, e os céticos que acreditavam que a personalidade não está ligada ao sucesso esportivo.

Mas, como fala Weinberg (2001 p.61), nenhum destes pontos de vista parecem corretos, segundo ele existe alguma relação entre personalidade e desempenho esportivo, ou seja, embora traços e estados de personalidade possam ajudar a prever comportamento e sucesso esportivo, eles não são precisos.

Segundo Thomas (1983 p.128) a comprovação de uma influencia do esporte sobre a função psíquica do homem, raciocínio, motivação, aprendizagem, qualidades da personalidade, já ocupou os psicólogos alemães dos anos 20 e 30 do século passado. E ele cita Sack (1982) que indica as seguintes formas de apreciações a personalidade: primeira a visão macrosocial permite conceber o esporte como parte substancial das instituições sociais e que exerce um efeito socialisante sobre o indivíduo. O atleta como membro desta instituição é participante ativo das atividades desportivas, altera valores, conceitos e formas de conduta. Segundo a atividade desportiva de intensidade além da media, como acontece no esporte de alto nível e também já no esporte de massa, conduz a desvios e destaques na estrutura da personalidade. A personalidade do atleta distingue-se, de forma característica, da media das personalidades dos não-atletas. E terceiro as pessoas com uma estrutura de personalidade especifica buscam atividades numa modalidade desportiva condizente. Existe uma afinidade estrutural entre modalidade esportiva e a personalidade. A correlação entre o esporte e a personalidade seria explicável pela seleção e não pela aprendizagem. E ainda completa que a pratica de esporte altera a personalidade do atleta qualidades das personalidades da personalidade já existentes torna-se fortemente pronunciadas pela pratica intensa de um esporte.

Para Samulski (2002 p.37), as relações entre o esporte e a personalidade são representados na psicologia do esporte por três diferentes hipóteses. A primeira hipótese, da seleção, considera o esporte um fator de seleção, pessoas com determinada estrutura de personalidade se interessam por modalidades esportivas especificas ou por determinadas formas de pratica esportiva. A segunda hipótese, da socialização, fala que o esporte é considerado um fator de socialização, a atividade física esportiva influencia a personalidade e o seu desenvolvimento de forma especifica. A terceira hipótese, da interação fala que os processos de seleção e de socialização influenciam-se de forma recíproca, o atleta de alto nível melhora o seu desempenho ao praticar esportes competitivos e o atleta de esportes coletivos torna-se mais extrovertido.

Walter (1992 p. 52), coloca que por tantas situações ambientais nos afetarem, é perigoso atribuir as mudanças características especificas somente ao envolvimento no esporte, e que não podemos postular qualquer informação definitiva



até que instrumentos de medida mais precisos sejam desenvolvidos, estudos sejam planejados e variáveis sejam controladas.

Thomas (1983 p.132) coloca que a discussão sobre a relação entre atividade esportiva e personalidade é determinada por excessivas suposições e hipóteses. Questões como se e até onde o esporte em geral influencia o desenvolvimento da personalidade de uma pessoa que pratica esporte não podem ser respondidas cientificamente por meio desta forma. O esporte só pode ser imaginado dentro de um contexto sócio-cultural, com determinadas formas de interação social.

Weinberg (2001 p.62) fala sobre um grande estudo feito comparando atletas e não-atletas testou dois mil universitários usando o 16fp de Catell, já citado neste trabalho, e não foi encontrado um perfil de personalidade único que diferenciasse atletas de não-atletas. Entretanto, algumas diferenças de personalidade parecem distinguir atletas e não-atletas, mas estas diferenças específicas não podem ainda ser consideradas definitivas. E que naturalmente, é possível que certos tipos de personalidade sejam atraídos para um determinado esporte, e não que a participação em um esporte de alguma forma mude uma personalidade.

Samulski (2002 p.38) traz alguns trabalhos que falam sobre a diferença de atletas e não-atletas. Ogilvie e Tutko (1971) diz que os esportistas se caracterizam pelas seguintes características da personalidade: são motivados para o rendimento e revelam uma tendência para estabelecer metas exigentes realistas para si e para outras pessoas. São pessoas muito organizadas e disciplinadas com uma grande disposição para a liderança e capacidade de comunicação social. Dispõe de uma elevada capacidade de autoconfiança, de resistência psíquica de autodomínio de controle emocional e de elevada tendência de comportamento agressivo. Para Sack (1980) atletas jovens de 12 a 22 anos existem as seguintes diferenças entre praticantes e não praticantes do esporte: os praticantes são mais motivados para o rendimento, menos reservados, revelam menor ansiedade, tem boa capacidade de adaptação social, mostraram mais interesse para atividades praticas do que teóricas. Eysenck (1982) esportistas de alto nível apresentam valores inferiores de neurose que os esportistas de nível médio.

Singer e Janelle (1999) citado por Samulski (2002 p.40) destacam as seguintes características psicológicas dos atletas de alto nível. Possuem mais conhecimentos específicos sobre tarefas esportivas, usam melhor as informações

disponíveis, usam e processam de forma mais eficiente as informações, detectam e identificam visualmente de forma mais rápida e precisa os objetivos relevantes, processam melhor informações situacionais, tomam decisões de maneira mais rápida e apropriada. Ainda ele fala que muitos atletas e técnicos acreditam que as capacidades cognitivas são inatas, mas muitas pesquisas recentes mostram que a prática deliberada, o apoio da família, as oportunidades do meio ambiente e a influência dos técnicos são importantes para o desenvolvimento de talentos esportivos.

Singer (1975) citado por Walter (1992 p.26), a aceitação do ponto de vista, de que existem personalidades distintas entre atletas de esportes diversos e que dentro de um dado esporte há níveis diferentes de proficiência, é muito comum no mundo esportivo. Esta, no entanto, não ocorre entre pesquisadores. Esta crença tem sido confirmada e definida pelas obras e esforços de dois psicólogos de estado de San Jose, Bruce Ogilvie e Tom Tutko. Eles desenvolveram uma extensa bateria de testes de personalidade a partir dos já existentes. Numerosos atletas de ambos os sexos e de todos os níveis de competição foram testados.

Ogilvie (1967) citado por Walter (1992 p.26) está convencido de que o competidor do sexo masculino é, basicamente, uma pessoa emocionalmente saudável, que atende a extroversão, ele é mentalmente forte auto-assertivo, autoconfiante com uma enorme capacidade de resistir ao stress de competições.

Thomas (1983 p.137) coloca que muitas vezes considera-se que a prova empírica do efeito da atividade física esportiva sobre a personalidade só pode ser garantida quando se leva em conta que o indivíduo já foi suficientemente pré-marcado até o momento do início da atividade pelo histórico de sua socialização. Devem ser consideradas, ainda, as possibilidades de influência e modificações condicionadas ao desenvolvimento psicológico em determinada faixa etária ou fase do desenvolvimento. Nisto desempenham papel importante às condições socializantes fora do esporte que podem atuar na mesma direção ou em direção oposta, e que atuem em alternância com as qualidades da personalidade do atleta e seu campo de ação e de vivência.

Ainda Thomas (1983 p.139) o desenvolvimento de processos de pesquisa para descobrir características da personalidade específica do esporte em conexão com uma transição na teoria da personalidade promete um progresso diante dos

esforços atuais. As pesquisas nesta direção deixam esperar que se possa determinar influências do engajamento no esporte sobre uma mudança nos conceitos nas estruturas de valores e no autoconceito individual, por exemplo, desde a imaginação subjetiva da própria capacidade (performance) até o corpo propriamente dito. Também o modo de trabalho cada vez mais individualizado, clínico-psicológico e ideográfico prestasse para aprender as modificações que se processam no atleta com referência ao esporte.

#### **3.1. Delineamento da pesquisa**

Esta pesquisa se caracteriza em um “*Ex-post-facto*” de característica comparativa casual (THOMAS e NELSON, 2002).

#### **3.2. Amostra**

A amostra foi composta por 54 atletas do sexo masculino de rúgbi que necessariamente estão associados à ABR (Associação Brasileira de Rúgbi), com idade média de 26,88 anos e desvio padrão de 6,12 anos.

#### **3.3. Instrumentação**

Para a coleta de dados foi empregando o Teste de Personalidade Esportiva (TUTKO e TOSI, 1986), que consiste em um questionário contendo quarenta e duas perguntas sobre comportamento dos atletas antes, durante e após uma partida. Estas questões verificam sete diferentes características da personalidade sendo elas: desejo, determinação, sensibilidade, controle, confiança, auto-estima e auto-disciplina, a partir destas pode ser traçado um perfil de personalidade dos atletas (ANEXO I).

O questionário foi aplicado aos atletas anteriormente a realização do aquecimento que precede uma partida.

#### **3.4. Técnicas Estatísticas**

Os resultados da coleta foram analisados por meio de estatística descritiva e análise de regressão linear a um nível preditivo de  $p < 0,05$ , a partir do programa SPSS 13.0.

#### 04. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados na tabela 1 abaixo, mostram as médias e desvio padrão das características analisadas neste estudo.

**Tabela 1:** Média e desvio padrão dos dados analisados.

	<b>MEDIA</b>	<b>DESVIO PADRÃO</b>
Idade	26,88	6,11
Tempo de pratica	5,9	7,86
Desejo	14,61	3,78
Determinação	21,59	2,99
Sensibilidade	13,92	3,64
Controle	21,55	3,84
Confiança	24,35	3,00
Auto-estima	20,5	3,65
Auto-disciplina	21,4	2,68

Estes resultados nos dizem que a média de idade (26,88) anos dos atletas estudados é baixa, assim, podemos dizer que se tratam de atletas jovens, para um esporte que no Brasil não muito popular e os seus jogadores começam a praticar-lo depois de uma idade mais avançada se comparado com outros esportes populares.

O tempo de prática apresentado é curioso, pois o desvio padrão (7,86) anos é maior que a média (5,9) anos dos seus participantes demonstrando assim há jogadores muito experientes e vários jogadores com pouca experiência.

Para as características do perfil de personalidade analisadas no presente estudo, os resultados indicam um perfil quase único de personalidade já que houve apenas um resultado com significância nas variáveis. A partir disso podemos dizer que o jogador de rúgbi paranaense apresenta o seguinte perfil: Em relação ao desejo os atletas apresentam uma media de 14,61 pontos e um desvio padrão de 3,78 pontos que representa que este não tem uma grande expressão nesta característica. Já para a determinação os atletas apresentam uma media de 21,59 pontos e um desvio padrão de 2,99 pontos sendo este uma pontuação relativamente alta dizendo que ele são bem determinados. Para a sensibilidade a média de 13,92 pontos e o desvio padrão de 3,64 pontos diz que os atletas analisados são pouco sensíveis, isto provavelmente é uma necessidade na característica de um jogador de

rúgbi. O controle apresenta um valor alto de media 21,55 pontos e desvio padrão de 3,84 pontos sendo assim estes atletas controlados dentro de uma partida.

A confiança apresenta o maior valor de media 24,35 pontos e desvio padrão de 3,00 pontos sendo essa uma característica marcante dos participantes dessa modalidade esportiva. A auto-estima apresenta uma média de 20,5 pontos e um desvio padrão de 3,65 pontos sendo um valor intermediário para auto já que atletas geralmente apresentam valores parecidos com esse. A auto disciplina apresenta um valor de média de 21,4 pontos e desvio padrão de 2,68 pontos assim demonstrando que os atletas de rúgbi paranaense são bem auto disciplinados dentro de uma partida.

A análise de regressão linear feita em relação as características da personalidade e os atletas titulares e reservas, mostrou que não houve diferença significativa  $F(7,53)=0,752$ ;  $p=0,629$ . Podendo ser observada algumas associações inversas, como demonstra a tabela 2 a baixo.

**Tabela 2:** Regressão linear entre personalidade e atletas titulares e reservas.

<b>Modelo</b>	<b>Beta</b>	<b>t</b>	<b>Sig.</b>
Desejo	,231	1,307	,198
Determinação	-,067	-,424	,674
Sensibilidade	,073	,368	,714
Controle	,150	,856	,396
Confiança	-,222	-1,270	,210
Auto-estima	-,145	-,898	,374
Auto-disciplina	,198	1,157	,253

Na determinação é observada uma associação inversa sendo os atletas reservas mais determinados que os atletas titulares, essa condição pode ser explicada pela vontade dos atletas reservas tornarem-se titulares. A confiança também apresenta uma associação inversa que provavelmente é explicada por que muitos atletas reservas desta pesquisa são atletas com mais de 35 anos de idade sendo assim reservas não pela sua técnica e sim pelo menor condicionamento físico

em relação aos mais jovens e menos confiantes. Na auto-estima também existe uma associação inversa.

A análise de regressão linear feita em relação as características da personalidade e a posição de jogo (*forward* e três quartos), mostrou que não houve diferença significativa  $F(7,53)=1,562$ ;  $p=0,171$ . Podendo ser observada algumas associações inversas, como demonstra a tabela 3 a baixo.

**Tabela 3:** Regressão linear entre personalidade e posição de jogo.

<b>Modelo</b>	<b>Beta</b>	<b>t</b>	<b>Sig.</b>
Desejo	-,004	-,195	,847
Determinação	,003	,123	,903
Sensibilidade	,027	1,105	,275
Controle	-,011	-,549	,586
Confiança	,018	,683	,498
Auto-estima	-,008	-,378	,707
Auto-disciplina	-,065	-2,244	,030

A auto-disciplina apresentou uma diferença significativa em relação a posição de jogo, observou-se um associação inversa sendo que a posição *forward* apresenta menor auto-disciplina que a posição três quartos. Isto se deve, provavelmente pelos *forwards* jogarem mais juntos, e porque o rúgbi é um esporte em que os *forwards* são os atletas que disputam sempre as bolas, e com isso estando sempre numa situação agressiva e em algumas situações em pode ser usada a violência isto pode fazer com eles tenham menos auto-disciplina que os três quartos, já os três quartos por suas posições serem jogadores mais soltos é necessário que a sua auto-disciplina seja maior para poder fazer o que lhe é de dever durante a partida.

Há também uma associação inversa indicando um maior desejo dos três quartos para com os *forwards* isso pode acontecer porque os três quartos geralmente são os jogadores que marcam os *trys* sendo assim atletas que almejam sempre a linha do *in goal*. Para controle pode-se dizer que essa associação inversa deve acontecer pelos mesmos motivos que ocorrem na auto-disciplina. Já a auto-estima apresentar uma relação inversa provavelmente acontece porque os três

quartos são os grandes marcadores de pontos e isso pode ter alguma influencia nesta característica.

A análise de regressão linear feita em relação as características da personalidade e o tempo de prática, mostrou que não houve diferença significativa  $F(7,53)=1,401$ ;  $p=0,228$ . Podendo ser observada algumas associações inversas, como demonstra a tabela 4 a baixo.

**Tabela 4:** Regressão linear entre personalidade e tempo de prática.

<b>Modelo</b>	<b>Beta</b>	<b>t</b>	<b>Sig.</b>
Desejo	-,084	-,238	,813
Determinação	-,015	-,038	,970
Sensibilidade	-,605	-1,482	,145
Controle	-,032	-,094	,926
Confiança	,188	,428	,671
Auto-estima	,552	1,662	,103
Auto-disciplina	,455	,945	,350

Há uma associação negativa entre o tempo de prática onde o desejo é maior entre os atletas menos experientes isto provavelmente por eles estarem conhecendo a modalidade. Na determinação também há maior entre os não experientes em estes devem estar muito motivados a se especializarem cada vez mais e isso dando uma maior determinação a eles. A sensibilidade maior entre os não experientes deve acontecer porque o rúgbi é um esporte de muito contato e este contato muitas vezes acontece de forma muito agressiva fazendo com que a experiência neste esporte faça com que seus atletas sejam com o tempo menos sensíveis. Já o controle é maior entre os não experientes provavelmente por causa da necessidade de fazer o que ele esta aprendendo, pois o rúgbi é um esporte muito diferente dos outros esportes populares no Brasil, e suas técnicas novas para todos fazendo com que o movimento não seja automático necessitando assim de um controle para poder executá-lo.



## 05. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo identificar um ou diferentes perfis de personalidade entre atletas de rúgbi paranaense. Não foram encontradas diferenças significativas entre as variáveis titulares e reservas, também não houve diferença significativa entre atletas experientes e menos experientes. Já entre as posições de jogo foi encontrado uma diferença estatisticamente significativa de associação inversa na característica de personalidade de auto-disciplina, sendo esta os jogadores da posição três quartos apresentam uma maior auto-disciplina do que os jogadores da posição *forward*. Também foram encontradas algumas associações inversas entre características da personalidade.

Com isso, podemos concluir que existe um perfil único de personalidade dos jogadores de rúgbi paranaense. Que consiste em atletas com um nível de desejo baixo, são bem determinados, com uma sensibilidade baixa, um bom controle, uma confiança muito grande, uma auto-estima mediana e são bem auto-disciplinados.

Sugerem-se novos estudos neste esporte e com outras variáveis da psicologia do esporte.

## REFERÊNCIAS

- Adler, Alfred. **A ciência da natureza humana** - 4° ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957.
- Allport, Gordon W.. **Personalidade e desenvolvimento** – São Paulo, Editora Herder, 1969.
- Catell, Raymund B. **Análise científica da personalidade** – São Paulo, Ibrasa, 1965.
- Geiwitz, Peter J.. **Teorias não-freudianas da personalidade** – São Paulo, EPU, 1973.
- Hall, Calvin S.. **Teorias da personalidade** – 4° ed., Porto Alegre, Artmed, 2000.
- Lundin, Robert W.. **Psicologia da personalidade** – 2° ed., Rio de Janeiro, J. Olympio 1976.
- Lundin, Robert W.. **Personalidade uma análise do comportamento** – 2.ed. São Paulo, EPU, 1977.
- Peck, David & Whitlow, David. **Teorias da personalidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- Samulski, Dietmar M.. **Psicologia do esporte, manual para a educação física psicologia e fisioterapia** – Barueri: Manole, 2002.
- Samulski, Dietmar M.. **Psicologia do esporte, teoria e aplicação prática** – Belo Horizonte, Imprensa Universitária, 1995.
- Settneri, Luiz. **Considerações bio-psico-didaticos para a educação física**, Porto Alegre, Sulina, 1979.
- Thomas, Alexander. **Esporte: introdução a psicologia** – Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1983.
- Walter, Márcia R.. **Diagnóstico do perfil de personalidade de atletas de esportes individuais e coletivos**, 1992, Monografia (Licenciatura em Educação Física) – UFPR; Curitiba.
- Weinberg, Robert S.. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício** – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2001.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

Abaixo encontram-se afirmações que visam verificar como você se sente durante uma competição desportiva. Procure respondê-las da maneira mais sincera possível. Não perca tempo para responder as questões, pois a sua primeira impressão é a que vale. As informações aqui coletadas não serão divulgadas.

Nunca = 1 Raramente = 2 Regularmente = 3 Frequentemente = 4 Sempre = 5

N	QUESTÃO	VALOR
1	Considero que só vale a pena jogar quando jogo bem.	1 2 3 4 5
2	Detesto jogar contra adversários agressivos.	1 2 3 4 5
3	Pequenos aborrecimentos podem me tirar do jogo.	1 2 3 4 5
4	Consigo ficar calmo durante o jogo.	1 2 3 4 5
5	Confio na minha habilidade.	1 2 3 4 5
6	Reconheço quando jogo mal.	1 2 3 4 5
7	Procuro seguir a estratégia pré-estabelecida.	1 2 3 4 5
8	Jogo prioritariamente para me divertir.	1 2 3 4 5
9	Sempre falo quando tenho alguma coisa a dizer durante o jogo.	1 2 3 4 5
10	Consigo controlar meu nervosismo durante o jogo.	1 2 3 4 5
11	Cometo mais erros nos momentos em que sou pressionado.	1 2 3 4 5
12	Duvido da minha habilidade.	1 2 3 4 5
13	Evito pensar nos meus erros.	1 2 3 4 5
14	Procuro jogar espontaneamente ao invés de ficar fazendo planos para o jogo.	1 2 3 4 5
15	Quero ser o melhor jogador do campeonato.	1 2 3 4 5
16	Divirto-me com os erros que cometo ao invés de ficar bravo com eles.	1 2 3 4 5
17	Preocupo-me com o que os outros pensam da minha atuação.	1 2 3 4 5
18	Controlo minhas emoções durante os momentos críticos do jogo.	1 2 3 4 5
19	Antes do jogo começar, espero sair vencedor.	1 2 3 4 5
20	Meus erros fazem com que me sinta mal durante dias.	1 2 3 4 5
21	Obedeço uma rotina quando jogo ou treino.	1 2 3 4 5
22	Prefiro jogar contra pessoas que não fazem da competição uma guerra.	1 2 3 4 5
23	Quando estou jogando gosto de ter controle sobre a situação.	1 2 3 4 5
24	Nada interfere no meu equilíbrio durante o jogo.	1 2 3 4 5
25	Meu nervosismo influencia minha atuação.	1 2 3 4 5
26	Eu penso que perderei o jogo mesmo antes de começar.	1 2 3 4 5
27	Não supero com facilidade os meus erros durante o jogo.	1 2 3 4 5
28	Procuro tentar diferentes alternativas para melhorar minha atuação.	1 2 3 4 5
29	Não tenho vontade de competir a menos que haja um desafio.	1 2 3 4 5
30	Tento não prestar atenção quando meus adversários me provocam.	1 2 3 4 5
31	Minha atuação pode ser arruinada por um comentário negativo.	1 2 3 4 5
32	Eu gosto da pressão da competição, porque me dou bem nesses momentos.	1 2 3 4 5
33	Gosto do desafio encontrado nos adversários mais difíceis	1 2 3 4 5
34	As minhas falhas me incomodam.	1 2 3 4 5
35	Eu tento encontrar maneiras de ser mais eficiente em meu jogo.	1 2 3 4 5
36	Consigo apreciar o jogo, mesmo cometendo vários erros.	1 2 3 4 5
37	Sou determinado durante o jogo.	1 2 3 4 5
38	Tento bloquear da minha mente tudo que possa interferir com minha atuação.	1 2 3 4 5
39	As situações complicadas me incomodam, mesmo antes delas ocorrerem.	1 2 3 4 5
40	Preocupo-me em não ser humilhado pelos meus adversários.	1 2 3 4 5
41	Evito pensar em meus erros.	1 2 3 4 5
42	Não me preocupo com a estratégia de jogo antes que ele comece.	1 2 3 4 5